



**EDUCACIÓN FÍSICA Y FILOSOFÍA:  
REFLEXIONES SOBRE EL CAMINO DEL CUERPO HACIA LA  
CORPOREIDAD**

**Célia Smarjassi**

Professora Doutora em Educação pela UNESP

celsmarjassi@hotmail.com

**Helena Brandão Viana**

Professora Doutora em Educação Física pela UNICAMP

Docente no programa de Mestrado Profissional em Educação do UNASP

helena.viana@unasp.edu.br

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Célia Smarjassi y Helena Brandão Viana (2020): "Educación física y filosofía: Reflexiones sobre el camino del cuerpo hacia la corporeidad", Revista Caribeña de Ciencias Sociales, ISSN 2254-7630 (noviembre 2020). En línea:  
<https://www.eumed.net/rev/caribe/2020/11/educacion-fisica.html>

Resumen: La motivación para desarrollar la reflexión que sigue tiene su génesis con la oportunidad de trabajar la Filosofía en el curso de Educación Física en las carreras de Grado y Licenciatura. Aliada al placer llegó también la angustia, ¿Con la duda de qué faceta de la Filosofía trabajar? Inicialmente, debido a la inclinación natural hacia el tema de la Ética, se consideró esa posibilidad. Sin embargo, fue a través de la búsqueda de literatura que abordara el dúo Filosofía y Educación Física, que se encontraron con trabajos, artículos y tesis sobre el tema. En esta perspectiva, se destacan algunos autores que comenzaron a ser consultados y estudiados con mayor detenimiento: Carmo Junior, Barbosa, Santin, Ghiraldelli Jr., Assmann, Melani, e Merleau Ponty entre otros. Entonces se llegó a la conclusión que sería mejor hacer un corte en Filosofía que contemple la relación entre Educación Física/Filosofía, trazando una línea de pensamiento sobre el camino recorrido por la Filosofía en la que se podría abstraer la construcción del concepto que va del cuerpo a la corporeidad.

**Palabras clave:** Filosofía, Educación Física, Corporeidad, Cuerpo.

**PHYSICAL EDUCATION AND PHILOSOPHY:**

## REFLECTIONS ABOUT THE PATH FROM BODY TO CORPOREITY

**Abstract:** The motivation to develop the reflection that follows started when we were given the opportunity to insert Philosophy in the Physical Education classes in undergraduate and bachelor's degrees. Aside from the pleasure there was also anguish, which facet of philosophy should be considered? Initially, we felt a natural inclination towards the subject of Ethics, so we considered such a possibility. However, through literature searching that the Philosophy and Physical Education duet was addressed, and we came across research, articles, and theses on the subject. From this digging, we pointed out some authors who started to be consulted and studied more frequently such as: Carmo Junior, Barbosa, Santin, Ghiraldelli Jr., Assmann, Melani, and Merleau Ponty, among others. Then we concluded that we should focus on the Philosophy that contemplates the relation between Physical Education and Philosophy, tracing a line of thought about the path taken by Philosophy in which we could abstract the construction of the concept that goes from body to corporeity.

**Keywords:** Philosophy, Physical Education, Corporeity, Body.

### EDUCAÇÃO FÍSICA E FILOSOFIA:

#### REFLEXÕES ACERCA DO CAMINHO DO CORPO À CORPOREIDADE

**Resumo:** A motivação para desenvolver a reflexão que se segue tem sua gênese com a oportunidade de trabalhar Filosofia no curso de Educação Física nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado. Aliado ao prazer, veio também a angústia, com a dúvida de qual faceta da Filosofia trabalhar? Inicialmente, pela inclinação natural pelo tema da Ética considerou-se tal possibilidade. Todavia, foi mediante a busca por literatura que abordasse o dueto Filosofia e Educação Física, que encontrou-se obras, artigos, e teses sobre o tema. Nessa perspectiva, destacam-se alguns autores que passaram a serem consultados e estudados com mais atenção: Carmo Junior, Barbosa, Santin, Ghiraldelli Jr., Assmann, Melani, e Merleau Ponty dentre outros. Chegou-se então à conclusão que seria melhor fazer um recorte na Filosofia que contemplasse a relação Educação Física/Filosofia, traçando uma linha de pensamento acerca do caminho percorrido pela Filosofia em que se pudesse abstrair a construção do conceito que vai de corpo à corporeidade.

**Palavras-chave:** Filosofia, Educação Física, Corporeidade, Corpo.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao fazer um recorte na Filosofia que contemplasse a relação Educação Física/Filosofia abordamos aqui a discussão sobre corpo e corporeidade. Essa opção metodológica justifica-se pela simples razão de que o corpo é nosso referencial com o mundo (Merleau-Ponty, 1999). Conforme afirma Santin (1989, p. 63) “a Filosofia do corpo torna-se uma reflexão de extrema atualidade. E, para a Educação Física um estudo de fundamental importância para definir sua competência”. Ainda, e talvez por isso mesmo, pelo fato do corpo ser importante protagonista a

ponto de ser direta ou indiretamente objeto de reflexão dos filósofos desde a antiguidade, é que esse conceito tenha percorrido caminhos contraditórios: de corpo negado, silenciado a corpo máquina, corpo objeto.

Tendo em vista que a corporeidade, como o meio mediante o qual o cérebro reconhece e serve-se do corpo como mecanismo relacional com o mundo, esta vem se tornando num dos mais instigantes temas de reflexão no campo da educação, por conseguinte da Educação Física. E por isso o objetivo deste ensaio, mediante uma incursão pela História da Filosofia, foi resgatar o desenvolvimento e valores atribuídos à questão do corpo, ou seja, como o corpo foi pensado e sentido e concebido em sua construção cultural.

Para tanto, concepções relativas aos diferentes conceitos de corpo foram revisitadas de modo a explicitar a contextualização deste no mundo globalizado, em que é tomado como objeto de mecanização, mercadoria de consumo, e para o consumo.

Feitas tais considerações será apresentado a seguir a estruturação do texto. Primeiro, será feito uma breve introdução sobre a Filosofia e algumas perguntas que ela suscita sobre questões básicas que devem inquietar professores e educadores físicos. Segundo, considerando o privilégio concedido ao tema em pauta, naturalmente exige-se uma retomada, ainda que sucintamente, de alguns pontos acerca do corpo como um fenômeno importante da condição pós-moderna. Terceiro, buscou-se resgatar mediante a história da Filosofia alguns aspectos que são importantes para a construção do conceito. Para tanto, foram revisitados alguns clássicos da Filosofia passando pelos períodos clássico, medieval, moderno e contemporâneo.

## 2. O CORPO ENTRE MÚLTIPLOS SIGNOS E SIGNIFICADOS

Ao adentrarmos em uma sala de aula, ao caminharmos pelas ruas, shoppings, cinemas cruzamos o tempo todo com pessoas explicitamente “preocupadas” ou quase “obcecadas” pela aparência corporal. A identidade está impregnada no corpo, “sendo este um elemento do parecer e do aparecer” (Guiraldelli Jr., 2007, p. 12). Nesse balanço do parecer e aparecer, conforme assevera Guiraldelli Jr., surgem os diferentes “tipos” *sui generis* de tal modo que é impossível não os notar. Mas que contradição, nessa ânsia por ser notado “tudo é tão visual, que pouca coisa nos chama a atenção” (Guiraldelli Jr., 2007, p. 14).

Contudo, ainda repousamos nosso olhar mais atento a corpos completamente tatuados, com mutilações, com deformações plásticas oriundas de intervenções cirúrgicas, com inversões absurdas da vida e do que é corpo saudável. Mais uma vez recorreremos a impactante afirmação de Guiraldelli Jr., que assim se expressa:

Em uma sociedade em que impera a regra do ver e ser visto, a estética substitui a ética e a moral [...] não estou dizendo que essa estética pede que os ‘tipos’ sejam belos. A beleza se afastou da estética faz tempo. A estética tem a ver com a arte, com a obra de arte, e esta, no século XX, tornou-se quase uma revolta contra a beleza. Nós submetidos a imperativos éticos, caminhamos segundo esta estética de nosso tempo: não importa ser um ‘tipo’ que possa dizer

tudo sem precisar falar nada. Então esse 'tipo' redefinirá o belo. Ao mesmo tempo redefinirá o bom [...] (Guiraldelli Jr., 2007, p. 15).

Em meio a esse *tsunami* de aparências, de novidades já não tão novas, de inversões, muitas vezes até agressivas que invadem nossas escolas é inevitável compreender como administrar a convivência com corpos marcados de signos e significados diferentes. Nessa reinvenção da cultura em que o enfrentamento do ciberespaço e da realidade virtual é uma verdade que coloca em xeque a existência do sentido de realidade precisamos voltar no tempo e refazer o caminho de construção do conceito de corpo. Nesse caminhar resgatar os sentidos, os signos e significados construídos e desconstruídos através das diferentes concepções de corpo rumo a uma reconstrução, rumo a uma concepção integral de ser humano: a corporeidade entendida como mente, corpo e espírito.

## 2.1 Um olhar retrospectivo sobre o corpo

Iniciaremos nossa reflexão sobre o corpo a partir do que sabemos sobre a visão inaugurada com os pré-socráticos. O paradigma a partir do qual os gregos compreendiam a realidade que os cercava era através das narrativas míticas em seus aspectos teogônicos e cosmogônicos. No entanto, o contexto sócio histórico que impulsiona o homem às navegações marítimas, a criação da moeda, da *pólis* e da política motivam o surgimento da Filosofia como uma nova forma de pensar a realidade, não mais apenas a partir do mito, portanto pode-se dizer que a Filosofia tem uma relação de continuidade e de ruptura com o mito.

Daí surgem os primeiros filósofos que tem como centro de preocupação compreender a natureza inaugurando, pois, a Cosmologia. Conforme sintetiza Melani (2012) essa Filosofia dos primeiros pensadores:

está fundamentada nessas três ideias: a natureza tem suas normas; o homem é capaz de compreendê-las; e a razão é o meio para chegar a essa razão. Em um primeiro momento, a filosofia é entendida como um discurso racional que desvela a realidade (Melani, 2012, p. 11).

Mas essa realidade pode ser captada por dois meios diferentes: Uma é a realidade aparente captada pela percepção, e a outra é a essência captada apenas através do pensamento racional. A partir dessa compreensão germina a hierarquia do conhecimento, estabelecendo a dicotomia entre aparência e essência.

Nessa linha de pensamento, Heráclito e Parmênides explicitam a ideia latente nas concepções dos primeiros filósofos naturalistas: Uma aparente e outra essencial. Em segundo lugar, o pensamento racional é a única via do conhecimento da verdade. O corolário dessa lógica implica em que, "o corpo, que possibilita apenas o conhecimento aparente, sensorial é relegado a algo secundário" (Melani, 2012, p. 15).

Entre rupturas e continuidades vai-se estabelecendo uma forma de conceber o conhecimento. E nessa trajetória dá-se a supervalorização da razão em oposição à percepção obtida pelo corpo. Daí a conotação negativa para o corpo como responsável pelo engano vai se acentuando. Paralelo a essa imagem um outro aspecto da vivência grega também é

marcante, isto é, pensar em referência de beleza corporal também nos remete imediatamente à Grécia antiga, à figura do corpo grego. Segundo Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 25):

Na verdade, este corpo era altamente idealizado, treinado, produzido em função do seu aprimoramento, o que nos indica que ele era, contrariamente a uma natureza, qualquer que ela fosse, um artifício a ser criado na civilização que alguns helenistas chamam de 'civilização da vergonha' (Barbosa, Matos e Costa, 2011, p. 25):

Podemos notar que a exibição do corpo masculino, nú expressando beleza, saúde, fertilidade e, evidentemente a capacidade atlética era algo natural na sociedade grega. Um corpo esculturalmente belo era tão valoroso quanto uma mente brilhante, pois um corpo vigoroso era um valiosíssimo instrumento de combate (Barbosa; Matos & Costa, 2011). Santin (1989, p. 71) ressalta que “a cultura grega, porém, não se esgota nesta visão de corpo humano. Por isto é bom e fundamental lembrar que, a partir da compreensão filosófica de corpo, encontramos na cultura grega outras maneiras de compreender o corpo”. Podemos observar a existência de uma oscilação entre o culto e uma exaltação do corpo “em que valores estéticos do corpo convivem com valores da racionalidade” (Santin, 1989, p. 71).

Como pontuam Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 25) “essa forma idealizada de pensar e viver o corpo, se definem também formas de estar na sociedade”. Portanto, é importante ressaltar que para os gregos dos séculos I e II era recomendado que o cuidado consigo mesmo incluía atenção ao corpo e a alma para se alcançar vida plena. Para tanto, o hábito de leituras, meditações, dietas e prática de atividades físicas faziam parte do cuidado de si mesmo.

Seguindo no tempo, com Sócrates (Atenas, c. 469 a.C. - Atenas, a.C.) temos um marco na Filosofia, pois antes se a reflexão racional se assentava sobre a compreensão da natureza, com Sócrates a reflexão filosófica dirige-se para o homem, especialmente para o aperfeiçoamento da alma humana. Para esse filósofo o burilamento se fazia através do diálogo – que segundo ele, era o único caminho que promoveria a depuração das ideias, se alcançaria a verdade que é a finalidade última da Filosofia (Platão, 1980).

Embora Sócrates não tenha deixado nada escrito, suas ideias foram repassadas por seu discípulo Platão. Entre essas ideias consideramos oportuno frisar que, para o filósofo o que mais interessava era o aprimoramento da alma em detrimento da riqueza e dos cuidados excessivos com o corpo. A importância de distinguir entre o bem e o mal seria prioridade, e somente a alma teria essa capacidade.

Fica patente que Sócrates privilegia o crescimento da alma, embora ele também concebe o homem como ser integral, isto é, composto de corpo e alma, mas a evolução da alma compreenderia a evolução do homem por inteiro. Também vale destacar que alma para Sócrates não quer dizer algo metafísico, mas sim a razão.

Melani (2012, p. 17) destaca que “embora não tivesse uma concepção fragmentária, Sócrates estabelece uma espécie de hierarquia de valores entre o corpo e a alma. Os bens da alma estariam acima. Depois viriam os bens do corpo. Por último, os bens materiais: riquezas e poder”.

Essa compreensão pode ser confirmada pelas próprias palavras de Sócrates, registradas por Platão, por ocasião de sua defesa junto ao tribunal que o condenara a morte sob acusação de corromper a juventude.

Sócrates avulta a importância de se privilegiar a aspiração espiritual como objetivo da vida e caminho para a felicidade. Mas essa conduta deve ser livre e resulta de busca do autoconhecimento da alma do sujeito. O impulso para essa busca poderia ser motivado pelo livre diálogo (maieutica). Para o filósofo, criador de uma nova moralidade que fazia florescer a reflexão sobre a necessidade do desenvolvimento da alma como único passaporte para se alcançar a perfeição da natureza humana, a realização do homem colocando-o em sintonia com o universo ordenado.

É possível inferir, portanto, que para Sócrates embora alma e corpo fossem parte de uma unidade, a sensibilidade e o prazer sensorial não são capazes de promover a elevação da alma, da felicidade, logo o corpo deve ficar subordinado aos ditames da razão. Após Sócrates, a humanidade, especialmente a ocidental é fortemente influenciada pelo pensamento de Platão (427 a.C. e morreu em 347 a.C. data aproximada), o mais brilhante discípulo de Sócrates. Embora seguindo a concepção de aspiração espiritual e moral de seu mestre, Platão vai muito além do mestre. No que se refere ao corpo, Platão arquitetou amplas teses sobre a corporeidade resultando em profunda influência na cultura ocidental por muitos séculos (Platão, 1980).

Platão radicaliza a busca pelo conhecimento e bem humanos mediante extremo cuidado com a alma como um bem metafísico, isto porque a influência socrática presente em sua juventude cede lugar para as influências da filosofia pitagórica portadora de forte conotação mística e religiosa defendendo inclusive a transmigração da alma. Em outras palavras, essa filosofia pregava a imortalidade da alma que poderia se reencarnar diversas vezes em corpos humanos ou em corpos de animais irracionais. Daí, porque o orfismo preocupa-se, sobretudo com a salvação da alma.

Esse modo de pensar desencadeia uma acirrada busca em si mesmo pelo bem em oposição ao mal. Resulta dessa lógica a concepção de que o corpo consiste na prisão da alma, pois no corpo habitam tudo de ruim que impediria a alma de se desenvolver e evoluir plenamente. Essa visão moldada pelo ideário órfico-pitagórico pode ser encontrada no pensamento platônico, especialmente no mito Timeu em que o filósofo desenvolve seu pensamento sobre os princípios básicos de sua filosofia do corpo. Em Timeu, o filósofo escreve que no princípio existia o Bem e as Formas. O Bem criara um artesão, inteligente e bom criador do mundo sensível onde se espalharia o Bem. O artesão ainda se valeria das Formas como modelos para criar as coisas materiais. Logo, as coisas visíveis, perecíveis seriam apenas cópias das Formas puras, invisíveis e eternas. Isso seria o Cosmo.

Assim, Platão (1980) propõe a existência de dois planos de realidade estabelecidos de forma hierárquica, isto é, uma realidade sensível dependente e subordinada a uma realidade inteligível. Decorre dessa tese platônica uma forte consequência para o olhar sobre o corpo,

concebendo-o em partes distintas, de modo a não contaminar a parte melhor da alma que reside no tórax.

Sob essa concepção de homem, podemos notar que em Platão (1980) o corpo entendido como prisão da alma, é um entrave que atrapalha a evolução da mesma, rumo ao Inteligível. Isso impede o homem de obter o pleno conhecimento, pois a verdade pura só pode ser alcançada pelo olho do espírito, já que, através do mundo sensível se tem acesso à cópia da verdade. Ressalte-se que, a existência autônoma da alma, ou seja, sua independência do corpo pode se livrar do mesmo e reencontrar com a verdade ou a Realidade Inteligível. Daí porque morrer significa a libertação da alma, e, por fim, o alcance do verdadeiro, pois na estrutura ontológica do homem recai uma certa predisposição para o mal.

Mas enquanto o “chamado divino” para a morte não chega caberá ao homem o domínio da alma sobre o corpo, pois o corpo como fonte de discórdia e ignorância deve ser freado.

Se em Platão (1980) o corpo é compreendido como um desvio, um entrave Aristóteles (384 a.C Estagira -322 a. C Atenas), discípulo de Platão por mais de vinte anos, e por isso muito influenciado por seu mestre, mas não a ponto de segui-lo fielmente nos apresenta um outro pensamento bastante original.

Dando continuidade a uma concepção metafísica de universo, Aristóteles postula a existência de uma Inteligência transcendente, suprema, imutável e imortal mantenedora do movimento e ordenamento do mundo. Caberia ao homem buscar seu aperfeiçoamento mediante aproximação dessa Inteligência suprema.

Aristóteles distancia-se radicalmente de Platão ao opor-se à sua Teoria das Ideias, pois a duplicação da realidade era além de imaginária, desnecessária. Para o filósofo a compreensão do mundo e o funcionamento da natureza se encontraria nas próprias coisas. O homem poderia alcançar essa essência através da razão, isto é, pelo discernimento da inteligência. E a observação seria um primeiro passo. Na distinção sobre o mundo natural o filósofo destaca a existência de coisa animadas e inanimadas. O que anima os seres animados seria a psique ou alma. Esse aspecto dinamizador possuiria três faculdades: nutrição, percepção e pensamento. As plantas possuiriam apenas a faculdade da nutrição; faculdade fundamental para todos os seres vivos. Os animais irracionais agregariam também a faculdade da percepção através dos órgãos dos sentidos que os possibilitaria as sensações de dor, prazer, de desejo. Já os humanos possuiriam as três faculdades, sendo a faculdade do pensamento e da inteligência a característica que os torna superior.

Contudo, é bom salientar que para Aristóteles, o pensamento requer imaginação que pressupõe percepção. Na compreensão de Melani (2012, p. 24) o filósofo é assertivo em afirmar que corpo e alma são um só, pois, “possuir uma alma é ter habilidade ou capacidade de realizar uma função (nutrição, sensação e pensamento); por sua vez, a realização dessa função não pode prescindir do corpo [...] uma habilidade não pode existir sem algo habilidoso”.

Ainda, é preciso grifar que, Segundo Barners (2001), Aristóteles discordava de Platão quanto à imortalidade da alma, pois os princípios ou potência da alma são corpóreos:

que os princípios cuja atualidade é corpórea não podem existir sem o corpo – por exemplo, caminhar sem pés; em consequência, esses princípios não podem vir de fora – porque não podem entrar nem sozinhos (dado que são inseparáveis) nem em algum corpo (Barners, 2001, p. 108).

É preciso colocar em relevo que para Aristóteles o conhecimento via percepção e observação não poderia ser desprezado. Diante do exposto, depreende-se que o corpo não era um entrave para o conhecimento. Mas, no rastro desse pensamento, fica patente, a importância do conhecimento empírico como superior a percepção, visto que a experiência é o primeiro passo para se desenvolver o conhecimento.

Nesse sentido, podemos inferir que Aristóteles elabora as bases para o desenvolvimento da Ciência. Para o estudioso a experiência se diferencia da Ciência porque a Ciência busca o conhecimento das causas, por isso é superior. Mas, ainda que em menor proporção, Aristóteles também deixa implícito uma certa hierarquia em sua estrutura de pensamento, pois para o filósofo a Inteligência Transcendente deveria ser o alvo para o qual o homem deveria se focar como busca de conhecimento. O instrumento para realizar essa busca seria a Filosofia que é amante do conhecimento trazendo uma conotação divina para o homem.

No que pese tudo isto, vale acentuar que com a valorização da sensibilidade e da percepção via experiência Aristóteles traz à baila a revalorização do corpo e dos órgãos do sentido, embora, em menor grau, o corpo continue sendo considerado inferior ao pensamento.

Fazendo um retrospecto do que foi apresentado até aqui podemos concluir que a compreensão de corpo na perspectiva da Filosofia racional assenta-se sobre três visões essenciais: a primeira refere-se à separação corpo e alma; a segunda refere-se à relação entre as divindades e a imortalidade; e a terceira pela assimetria entre homem e animal.

Essa trajetória marca uma concepção de corpo dicotomizado: priorizando a razão em detrimento do corpo. Mas é a imagem platônica de corpo que prevaleceu através da moralidade presente no pensamento medieval, sobretudo pela Igreja Católica Apostólica Romana. A visão de corpo silenciado, negado, proibido na concepção medieval na Idade Média será nosso próximo passo.

Em continuidade a nossa reflexão objetivamos compreender os fundamentos históricos filosóficos que subsidiaram a concepção de corpo configuradas na Idade Média. Contudo, é fundamental ressaltar que faremos um sucinto recorte, pois o período medieval durou cerca de dez séculos, além disso contemplou grande produção filosófica com muitas diferenças e nuances teóricas variadas.

Nesse momento da reflexão nos propomos a pôr em relevo uma concepção filosófica, que em nossa visão, fora mais marcante, pois recuperara pensamentos do passado, sobretudo de Platão. Estamos nos referindo ao pensamento filosófico “cristão”, condição *sine qua non* para o resgate do conceito filosófico de corpo, que, na vertente cristã “passou a ser



compreendido, sobretudo, como região ou porta de entrada do pecado” (Melani, 2012, p. 27). Ainda, vejamos o que salienta esse autor:

O último período da filosofia antiga, conhecido como filosofia helenístico-romana, é marcado, em um primeiro momento (séculos III, II, I a.C e I), pelas escolas pós-aristotélicas, ou grupos filosóficos que disputavam entre si concepções de caráter ético e racial; entre essas escolas, destacaram-se a epicurista, a estoica e a cética. Essas correntes, embora diferentes em alguns pontos, tinham em comum defesa do individualismo e a busca da paz interior através da ‘imperturbabilidade do espírito’ (Melani, 2012, p. 28).

Deriva-se dessa premissa a tese maior de que a verdadeira sabedoria consistiria no controle dos instintos e das emoções. Logo, os prazeres espirituais deveriam se sobrepôr aos prazeres corporais. Em um segundo momento, por volta dos séculos II e III, há o predomínio de um platonismo influenciado por tendências místico-religiosas, o surgimento do neoplatonismo e o desenvolvimento da doutrina cristã (Melani, 2012, p. 28).

O processo de transformação da filosofia em teosofia vai promover a racionalização da fé. Concomitantemente, chega-se à conclusão de que é impossível conhecer Deus pela razão. Deus só poderia ser compreendido por uma outra sabedoria mais elevada. No século III surge o neoplatonismo cujo expoente foi Plotino (270 d.C.). Para esse filósofo cristão o UNO é o princípio supremo (realidade inteligível) a partir do qual tudo emana. A realidade decorreria de Deus mediante emanação. Daí a salvação da alma dependeria do completo desprendimento do homem da realidade sensível. Conforme observa Melani (2012, p. 32), “É nessa perspectiva que o corpo cumpriria um papel negativo. A matéria do corpo poderia obscurecer a visão da alma”.

Em síntese, busca-se a salvação da alma e a libertação da carne. Essa premissa consolida a filosofia cristã medieval. Corolário desse pensamento a noção de corpo que fora sistematizada é de um corpo silenciado, proibido, mortificado. Assim, como consequência do cristianismo [medieval] desenvolve-se revisitada percepção de corpo fonte de pecado, que passa a ser rechaçado e proibido.

Feitas tais considerações, não podemos deixar de trazer a lume o pensamento de dois grandes expoentes do pensamento medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Santo Agostinho (354-430) também chamado Bispo de Hipona, embora tenha nascido bem antes, seu pensamento influenciou fortemente na Idade Média. As teses platônicas lhes serviram de base para fundamentar os dogmas da Religião Católica Apostólica Romana, cuja tese platônica de que o homem possui uma alma que se serve de um corpo permeia o pensamento agostiniano. Todavia, para ele o homem é uma unidade de corpo e alma criados por Deus, por isso, o corpo não seria de todo ruim, pois foi estabelecido pelo Criador, mas por conta do pecado original o corpo fora contaminado passando, a partir de então, ser um entrave para a salvação da alma. Daí porque caberia ao homem fazer o correto uso do livre-arbítrio e decidir viver segundo o espírito.

São Tomás de Aquino (1225-1274) foi o filósofo e teólogo mais proeminente da alta escolástica cujo princípio ativo concentrava-se em compreender a fé cristã. Ele estabelece uma síntese entre o aristotelismo e o pensamento cristão. No entanto, a filosofia estaria subordinada à revelação da Palavra.

Quanto ao corpo o pensamento tomista assevera:

Não são os prazeres do corpo que aproximam o homem de Deus. Em excesso, eles turvam a razão, estorvam o ser humano e o arrastam para as coisas sensíveis, em detrimentos das inteligíveis. O mesmo se pode dizer da honra, da reputação e da riqueza. A felicidade não está nos deleites mundanos, nos bens corporais ou nos desejos sensíveis (Melani, 2012, p. 43).

Nesse sentido fica patente que a carne ou o corpo, tornar-se-ia um problema para a salvação da alma. Assim, as obras da carne devem ser veementemente combatidas, pois senão conduziria o homem à miséria, à ruína. Daí porque a castidade humana como condição para a salvação, trouxe uma série de interdições e normas de conduta que marcam a Idade Média, muitas vezes, presentes na atualidade, ainda que de forma sutil.

Isso nos mostra que o pecado permeava tudo e todos, logo, homens e mulheres deveriam esconder o corpo, impedindo inclusive uma profunda intimidade entre cônjuges. Assim, com o cristianismo medieval permanece a concepção dicotômica de corpo, desencadeando uma distorcida e cruel concepção de corpo, pois acentua-se a tese de corpo como fonte do pecado, portanto proibido e, por ser vexatório e expressão da vergonha deveria ser escondido. Deriva desse conceito a renúncia à alimentação mediante severos jejuns que demonstrassem controle sobre a carne (corpo), o autoflagelo como caminho mais objetivo para que o corpo fosse dominado, castigado e purificado mediante punição severa. Destaca-se ainda que os instrumentos de tortura utilizados eram antes benzidos com água benta.

Sobre isso Barbosa, Matos & Costa (2011, p.27) ressaltam que:

As técnicas coercitivas sobre o corpo, como os castigos e execuções públicas, as condenações pelo Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição – oficializada pelo Papa Gregório IX), marcam a Idade Média. A Inquisição, inicialmente com o intuito de salvar a alma aos hereges, passou a empregar, mais tarde, a tortura e a fogueira como forma de punição, com a autorização do Papa Inocêncio IV, em 1254. Estes eram acontecimentos e cerimônias públicas, cujo objetivo era o de expor à população a sentença recebida pelo réu, era um verdadeiro ato festivo assistido não só pela população, mas pelas autoridades religiosas (Barbosa, Matos & Costa, 2011, p.27).

Em paralelo, surge a saga da caça às bruxas, e isso também graças à deformada concepção de corpo que prevalecia no final da Idade Média. Nesse processo, muitas mulheres eram acusadas, por supostamente, terem seus corpos possuídos pelo demônio. Subjacente a acusação de bruxaria. Propagava-se a ideia de que a possessão demoníaca era viabilizada pelo corpo mediante relação sexual. Através do coito o demônio se apropriava do corpo e, uma vez instalado se apropriava também da alma.

Em razão do conceito equivocado de que a mulher, através da sexualidade, era símbolo do pecado e por sua inferioridade em relação ao homem – todas as mulheres eram, por natureza, pecadoras, logo muitas delas serem acusadas de feiticeiras, de bruxas e de agentes do demônio. Daí porque nos processos de inquisição sob acusação de bruxaria evocava-se, sobretudo os corpos femininos, que eram despídos, cabelos e pelos raspados e corpos minuciosamente examinados a fim de achar algum indício que pudesse comprovar acusação de bruxaria.

Para concluir, sem, no entanto, fechar nossa breve, limitada e sucinta reflexão sobre a síntese da nova ordem do corpo na Idade Média tomamos emprestadas as palavras de Santin (1989) que assim se pronuncia:

Como se vê, em Platão, o corpo é vilão da estrutura ontológica do homem. O que vale no homem é a alma, pois segundo ele, o homem é mau por certa predisposição ao mal que existe em seu corpo. Seria inútil lembrar que a compreensão do corpo, como parte má ou perigosa do homem, prevaleceu em toda filosofia antiga e medieval. A imagem platônica do corpo ficou fortalecida pela moralidade do pensamento judaico-cristão. Os latinos proclamavam o corpo sadio como garantia da sanidade da mente. Os cristãos exigiam um corpo disciplinado e mortificado pela penitência para garantir as virtudes e preservar a pureza espiritual da alma. Assim, o corpo é um símbolo da decadência e uma fonte de vícios e males. Fundamentalmente, o corpo no homem, tornou-se uma ameaça ao próprio homem (Santin, 1989, p. 71).

Em suma, assim como os gregos postulam que o corpo aprisiona a alma, podemos afirmar que na Idade Média o corpo e a corporeidade do homem foram usurpados pela filosofia “cristã”. Embora por caminhos diferentes vai se cristalizando a concepção dicotômica de homem, em que o corpo é relegado a condição de estorvo, de pecado. Esses fundamentos teóricos que subsidiaram as diferentes concepções de corpo reverberam na Educação e na Educação Física de modo geral. Nas próximas linhas veremos a configuração do conceito de corpo delineado na Idade Moderna e Contemporânea.

Façamos um retrospecto do que foi apresentado na Idade Média a fim de melhor encaminhar nosso raciocínio sobre o olhar de concepção corporal na modernidade. Como vimos, sobretudo no Ocidente prevaleceu a supremacia da fé religiosa sobre a Ciência por longo período da Idade Média. A especulação filosófica e científica encerrava-se nas Escrituras Sagradas. Sob tal condição filósofos como Santo Agostinho (embora tenha vivido antes da Idade Média) e Santo Tomás de Aquino cristianizaram Aristóteles e Platão, ora com distorção, ora para reafirmar o discurso cristão medieval.

Mas, esse cenário de prevalência eclesiástica e teológica altera-se a partir dos séculos XVI e XVII. Mudanças nos aspectos social, econômico, político, religioso, artístico e científico, relacionados entre si antecederam e promoveram o aparecimento do homem moderno e da sociedade capitalista, abrindo espaço para a emergência de um novo homem, com novas perspectivas, modos de ser, de pensar e de viver. O Teocentrismo é suplantado pelo

antropocentrismo. O conhecimento científico, sobretudo pelo caminho da matemática, da geometria e da aritmética revelam as características do ideal renascentista. No rastro dessas transformações, sob o prisma filosófico e na sociedade em geral emerge um novo olhar para o corpo. Sobre isso, assim se expressa Melani (2012):

No campo da Ciência e da Filosofia, as diversas transformações podem ser simbolicamente sintetizadas pela Revolução Copernicana, que acabou por estabelecer o sistema heliocêntrico em substituição ao sistema geocêntrico, que há muito estava vigente. Essa mudança de sistema, realizado durante um período de muitos anos, significou um novo entendimento sobre o ser humano, sobre a natureza e sobre o universo (Melani, 2012, p. 46).

O Renascimento conclama para um agir humano orientado pela ciência. O acelerado desenvolvimento científico e técnico provocam um forte apreço sobre o uso da razão científica como singular via de conhecimento. Corolário disso, vem à tona uma acentuada defesa pela liberdade do ser humano e uma nova concepção de corpo deriva dessas premissas. No que pese tudo isso, constrói-se uma nova concepção de corpo que passa a ser observado sob o crivo do olhar científico. Logo, como um objeto de investigação experimental. É oportuno ressaltar, desde já que a compreensão de corpo na filosofia moderna é assinalada por duas características fundamentais, segundo Santin (1989):

A primeira consiste em uma tentativa de libertar a compreensão do corpo das influências dos princípios teológicos. A Segunda visa retratar o corpo vinculado às questões epistemológicas, ou seja, em relação às possibilidades e à validade do conhecimento humano Santin (1989, p. 72).

Para a melhor e mais objetiva compreensão da realidade e da concepção de homem/máquina de produção, objeto (corpo) e fenômenos (natureza), estes são sujeitos a uma minuciosa investigação científica. Para tanto, faz-se necessário a fragmentação da ciência. No tocante ao corpo humano, visando a uma compreensão rigorosa do funcionamento dos órgãos. Deriva desse processo uma forte tendência de valorização do individualismo como expressão ideológica do capitalismo industrial em germe. Para tanto o uso da dissecação e vivissecação de animais e humanos contemplava os estudos de anatomia durante sessões no Teatro de Anatomia.

É nesse contexto de efervescente desenvolvimento científico surge o ícone que marca a filosofia moderna, a saber, o pensador e matemático francês Rene Descartes (1596-1650). Embebido pelo clima da época debruçou-se ferrenhamente aos estudos da anatomia e da fisiologia. Resulta desses estudos a tese de que alma e corpo são duas substâncias diferentes, apresentando a fragmentação da percepção corpórea em duas dimensões do corpo: a *res extensa* (corpo e matéria) e a *res cogitans* (coisa pensante), reafirmando definitivamente a divisão corpo-mente em que o homem era constituído por duas substâncias distintas, ou seja, a alma, a razão como pensante e a material, o corpo como substância distinta inaugurando o dualismo cartesiano que apresenta o corpo a serviço da razão.

Ainda, conforme corrobora Santin (1989, p. 72) “foi Descartes, com seu princípio ‘eu penso, logo existo’, que inaugurou esta virada das questões corpóreas”, convertendo a dúvida em método.

Embora sem contrapor as verdades metafísicas, o pensamento de Descartes caracteriza o pensar de grande parte dos filósofos modernos pela busca de construção de um método eficiente para se produzir conhecimentos universalmente válidos, sobre fundamentos diferentes dos postulados pelos escolásticos.

Nesse esforço por alcançar verdades claras, objetivas e inquestionáveis sob as quais pudesse assentar o conhecimento científico, Descartes dedicou-se a desenvolver um método como caminho seguro fixado antecipadamente para proceder a investigação científica. Para tanto, erradicar o erro de tomar o certo pelo duvidoso representava condição *sine qua non*, pois segundo o pensador, o que aprendemos via sentidos é por demais duvidoso. Sob tal premissa Descartes perseguia o conhecimento preciso e seguro, qual seja, a matemática, que são inatas e que só podem ser alcançadas pela razão sem, portanto, passar por atalhos, como os sentidos.

Na obra, Discurso do Método, Descartes defende quatro passos em seu método científico: primeiro, busca-se a evidência do objeto por meio da clareza e distinção; segundo, procede-se a análise mediante a decomposição das partes; terceiro, opera-se a síntese partindo do simples para o complexo e, finalmente, enumera-se certificando-se de que nada ficou excluído (grifo nosso).

Com a apresentação de seu método, Descartes provoca uma verdadeira revolução na filosofia promovendo o sujeito como centro do processo de conhecimento. Embora postulasse pela existência de dois tipos de substâncias: a pensante (*res cogitans*) e a matéria/corpo (*res extensa*), como dissemos anteriormente, a teoria metafísica deveria permanecer, portanto o filósofo defende a existência de Deus. Por isso consideramos importante destacar a concepção metafísica cultivada e explicitada por Descartes mediante a famosa prova ontológica da existência de Deus:

O pensamento deste objeto – Deus – é a ideia de um ser perfeito; se um ser é perfeito, deve ter a perfeição da existência, senão lhe faltaria algo para ser perfeito. Portanto, Ele existe. Se Deus existe e é infinitamente perfeito, Ele não me engana. A existência de Deus é a garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são reais. Portanto, o mundo tem realidade. E dentre as coisas do mundo, o meu próprio corpo existe. O que caracteriza a natureza do mundo é a matéria e o movimento (*res extensa*), em oposição à natureza espiritual do pensamento (*res cogitans*) (Aranha & Martins, 1999, p. 105).

Em resumo, embora Descartes apresente a prova ontológica da existência de Deus, o racionalismo cartesiano trouxe como consequência o dualismo psicofísico, isto é, a dicotomia corpo-alma ou corpo-mente colocando em relevo o aspecto absoluto e universal da razão. Do privilégio concedido à razão deriva alguns problemas que reverberam até os dias de hoje. Primeiro, a concepção limitada e deformada de corpo insuficiente para explicar o próprio corpo;

segundo, se apresenta a mente como substância separada da matéria (corpo); terceiro, uma visão fragmentada e distorcida de homem, pois o ser humano é mais que um ser que pensa. Assim, se na Idade Média a fé era o dogma regente, na Idade Moderna se estabelece a razão como dogma.

Caminhando para o final da Idade Moderna, no século XVIII, denominado Século das Luzes, a razão assume, definitivamente posto central na sociedade “iluminada” pelo conhecimento. A razão converte-se na mais importante via de compreensão do mundo. Daí porque este século ser denominado Império da Razão.

No entanto, é preciso frisar com veemência que no Iluminismo o conceito de razão assume um sentido mais radical no novo modo de filosofar. “Antes se evocava a razão como um conceito amplo pertencente a sistemas metafísicos, com frequência relacionado direta ou indiretamente a Deus. Assim, a razão humana ou aproximava do divino ou era a sua expressão” (Melani, 2012, p. 58). O pensamento iluminista rejeita os sistemas metafísicos pôr os considerarem um entrave ao conhecimento dada sua forma fechada, fundamentada em dogmas que mascaram a realidade. O paradigma filosófico iluminista respaldado em Galileu e Newton parte da observação e da experiência para a elaboração de uma ciência. A razão iluminista descarta qualquer ligação do homem com o transcendente. O conhecimento é determinado pela metodologia da razão, embora parta da percepção.

Então, quais as consequências sobre o corpo oriundas do modo de pensar iluminista? A apologia da razão e da análise estabelecida pelo Iluminismo traz consequências diretas sobre o corpo humano. A primeira é a disseminação da visão fragmentária de homem. Em certa medida, a dicotomia corpo-mente estabelecida pela filosofia cartesiana se amplia (...). A distância entre corpo e mente aumenta à medida que é nesta última que se localizam os poderes intelectuais tão aclamados. O corpo é uma máquina (coisa) um fenômeno biofísico (animal) que deve ser estudado também pela análise e pela mensuração. Se antes o corpo devia se subordinar aos desígnios de Deus, deixando se guiar pela alma, agora, o corpo – máquina ou fera deve ser dócil em relação aos instrumentos de conhecimento da razão (Melani, 2012, p. 59).

Diante do exposto depreende-se que a nomenclatura Educação Física indica ser uma disciplina dedicada à educação do corpo distinta de uma educação do intelecto o que lhe confere uma concepção dualista, fragmentária de educação.

Sob tais perspectivas o corpo e o próprio ser humano coisificados permanecem na contemporaneidade, ainda que sob uma nova abordagem, mas não menos agressiva. O corpo e a reflexão sobre o mesmo, são pensados a partir de sua conformação social, mormente no tocante a sujeição do corpo aos princípios da reprodução capitalista.

Schopenhauer (2001), deixa explícito que o corpo é mais que uma máquina, pois sua vontade pode ser vista e percebida, e embora a vontade seja algo metafísico, ela se expressa pelo corpo subjetivado, visível. Entretanto, o filósofo reduz a vontade a algo puramente irracional. Daí porque a vida humana é tão caótica para o pensador, para quem o único

caminho para amenizar tal situação passaria pela negação do querer vivenciar a vontade dando lugar a empatia em grau extremo, ao aprimoramento do amor ao próximo negando-se a si mesmo em favor do outro.

Essa negação consciente da vontade só poderia ser alcançada pelo “aniquilamento refletido do querer que se obtém pela renúncia aos prazeres e pela procura do sofrimento [...] uma penitência voluntária, uma espécie de purificação que a pessoa se inflige para chegar a mortificação da vontade” (Schopenhauer, 2001, p. 410).

Se Schopenhauer retrocede sua postura causa espanto e decepção em Nietzsche (1979), que defende a colocação do corpo em seu devido lugar, isto é, como ponto importante do ser humano, redefinindo-o e recolocando-o sob outros princípios que reverberam em uma nova e autêntica definição de homem, pois vontade de viver e dominar são sentimentos peculiares ao ser humano, traduzidos pelos conceitos de vontade e potência. Desse modo, é com Nietzsche que o corpo passa, de fato, a ser reconhecido e valorizado. Porém, não podemos encerrar a visão de corpo na atualidade pela concepção de Nietzsche, pois são muitas as tendências filosóficas contemporâneas como são muitas suas diversificações.

Com o fenomenologista Merleau-Ponty, o corpo passa objeto de estudo fundamental para se compreender a existência humana. O pensador deixa indiscutível que o corpo é mais que uma máquina, um objeto, mas é um modo de ser e estar no mundo, conforme fica patente em suas palavras: “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 1999, p. 14).

Entretanto, se com Nietzsche e Merleau-Ponty o corpo é ascendido, um outro problema e motivo de interesse pelo tema, invoca o interesse da filosofia contemporânea. Trata-se do controle social do corpo, ou seja, o controle da Natureza se estende ao corpo, à natureza interna do homem, pois que os desejos corporais ofuscam a finalidade da razão. Tais aspectos são explorados por Freud (2010), na obra, *O Mal-Estar na Civilização*.

São muitas as vozes que denunciam o controle social do corpo, especialmente do corpo feminino como uma estratégia de poder da sociedade contemporânea a fim de ajustá-lo às necessidades da mesma. Isto posto, não poderíamos deixar de fazer referência a Foucault ao refletir sobre a condição de corpo dócil que, ao ser submetido fica sujeito a ser utilizado, a ser transformado e aprimorado conforme necessidades alheias ao próprio sujeito.

Com palavras fortes e diretas Foucault (1999) sustenta que:

O corpo humano entra numa maquinária de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma «anatomia política», que é também igualmente uma «mecânica do poder», está nascendo; ela se define como se pode ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que sedimenta. a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados corpos dóceis (Foucault, 1999, p. 119).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da Filosofia vimos ser pensados e difundidos diferentes concepções de corpo que cegaram a muitos, mas também desencadearam o repensar filosófico de um tema tão relevante para a saúde do corpo, mente e espírito que, por estarem inseridos numa sociedade diversa e desigual pode trazer diferentes prejuízos ao ser humano.

Pensar a construção do conceito de corpo sob a luz da Filosofia até a contemporaneidade nos trouxe um olhar diferente sobre o corpo, por conseguinte à Educação e a Educação Física. Sob esse prisma ao olhar o outro o enxergamos com uma visão ampla, clara e profunda que transcende a visão estreita de senso comum.

No tocante à Educação Física, é preciso ter em mente que «saber e conhecimento sobre a prática de exercícios exigem Filosofia tanto quanto Fisiologia “[...] não há ciência ou Filosofia que sobreviva sem a concepção legítima da unidade e da totalidade das coisas corporais” (Carmo Jr, 2005, p. 92).

Assim, nessa trajetória sobre a construção cultural do conceito de corpo fica o legado de que a corporeidade resulta de um tripé inerentemente ligado, de tal modo que se uma das partes não está bem o todo fica comprometido. Em outras palavras, o corpo é mais que uma parte isolada, ele é parte de uma totalidade indivizível. Por isso, “a condição de pensarmos sobre o corpo além das estruturas biomecânicas nos exige a condição filosófica antes da fisiológica, não por exclusão, mas por respeito à ideia de sujeito” (Carmo Jr., 2005, p. 136).

Daí porque, em tempos pós-modernos perder a ideia de sujeito quando a corporeidade extenua advém a cultura radical do corpo belo, saudável, desejável, mas ideologicamente arquitetado e propagado pela indústria da moda, da publicidade, da mídia que vendem a ilusão de se poder alcançar “corpos esculturais inimagináveis do ponto de vista real convertendo-se numa autêntica corrupção corporal em que se criam corpos e perde-se o ser” (Carmo Junior, 2005, p.143).

Diante do exposto depreende-se que a nomenclatura Educação Física indica ser uma disciplina dedicada à educação do corpo distinta de uma educação do intelecto, de uma educação que valorize o pensamento reflexivo e os benefícios que dele se extrai, conferindo-lhe ainda nos dias de hoje, uma concepção dualista, fragmentária de educação que, muitas vezes, endossa a cultura da corpolatria.

#### Referências

- Aranha, M. L. A. & Martins, M. H. P. (1999). *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo, SP: Editora Moderna.
- Assmann, H. (1994). *Paradigmas Educacionais de Corporeidade*. Piracicaba: Unimep.
- Barbosa, M. R.; Matos, P. M. & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34.
- Barnes, J. (2001). *Aristóteles*. São Paulo: Loyola.



- Carmo Jr., W. C. (2005). *Dimensões Filosóficas da Educação Física*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. (2010). *O Mal-Estar na Civilização*. Porto Alegre: L&PM.
- Guiraldelli Jr., P. (2007). *O Corpo. Filosofia e Educação*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2007
- Melani, R. (2012). *O Corpo na Filosofia*. São Paulo, SP: Editora Moderna.
- Merleau-Ponty, M. (1999) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes.
- Nietzsche, F. W. (1979). *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Hemos.
- Platão. (1980). *Defesa de Sócrates*. In: Os Pensadores. Sócrates. São Paulo: Abril cultural.
- Santin, S. (1989). Uma Busca da Filosofia do Corpo. *KINESIS*, v. 5, n. 1, p. 63-90.
- Schopenhauer. (2001). *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto.